

Ângelo

Desde criança, Ângelo tinha uma escrita interessante. Também cantava, desenhava, sonhava. Estudou umas coisas ao longo de bastante tempo, adquirindo a noção de que não tinha estudado o que devia, para além de se ter tornado um “contador de histórias”. Olhando os tempos, pensava que devia ter estudado Medicina, Enfermagem, algo prático. Nem entendia porque não o fizera! Aprendera guitarra por si mesmo, consertava torneiras, pequenas avarias eléctricas domésticas, instalava fechaduras, trincos, enfim, era um “prático”. Havia quem lhe dissesse que tinha mão santa, pois às vezes consertava objectos sem saber bem como. Pensando nisso lembrou-se de “Mão Santa”, um médico que se tornou por via das suas mãos, o “chefe” do Estado do Piauí, aquele cuja capital se chama Teresina, aquele onde existe o rio Parnaíba e o seu inesquecível delta, entre o próprio Piauí e o Maranhão. Dizem que chegaram a ter a ideia de fundir os dois Estados, mas a população de ambos, à falta de melhor lembrança (e, porventura com memória de muitas vidas), lembrou-se do nome “Piorão”, para o novo Estado. Mesmo naquele país de gente que assume a tragédia como se ela fosse cómica, desistiram da ideia. No Piauí ficou Mão Santa e família, no Maranhão continuou importante a família Sarney. Um contador de histórias, hein? Isso dissera-lhe um conhecido, sugerindo que contava histórias curiosas, mas pensando que não tinha paciência para escrever romances. Era verdade, romances são difíceis, é necessário tempo para os aturar (aos textos, que ganham autonomia e nunca mais querem acabar). Também lhe disseram que escrevia de forma “pesada”, como a serpente que morde a jugular. Nunca pensara nisso, talvez nem fosse bem assim. De facto era um contador de histórias, de reduzidíssima dimensão, aliás. Pouca gente lia o que escrevia, talvez fosse até pena, mas existem tantas tragédias mais graves! Havia a possibilidade de criar um site na Internet, mas para tal empreendimento não tinha conhecimentos. Parecia-lhe coisa fácil, veria... Entretanto sabia que era apenas um contador de histórias. Tal como todos os docentes que conhece, do pré-escolar ao ensino

superior, todos uma mistura de “entertainer” com transmissor de conhecimentos, mas sem o direito de aborrecerem, há que ser apalhaçados, ou a audiência, cada vez mais escassa, neste lugar sem infância nem jovens, fartasse e vai ouvir outro “caramelo”, como eles dizem... Depois da acusação sobre a mordacidade dos seus textos (literalmente, pois diziam que mordiam a jugular), resolveu fazer algo mais ligeiro, menos “pesado”, quiçá (estará bem?) até com piada inocente. Ângelo estava bem disposto, hoje, logo hoje que estivera tão mal disposto com dores fortíssimas num rim! E voltara a lembrar-se do tempo, dinheiro e esforço gastos a estudar assuntos inúteis! Até o ajudante de farmácia lhe soube indicar uns comprimidos, ele não sabia nada com interesse. Restava-lhe, porém, algum consolo. Desde os amigos que achavam que era um tipo com piada, aos que achavam que tinha algo mais que mera piada, por isso até vivia relativamente bem, a contar as suas historietas, até à mania da Liberdade! A famosa liberdade da folha em branco, olhar para o monitor e pensar que aquele branco que representa papel é, também, sinónimo de Liberdade, a ideia fê-lo rir-se! A Liberdade, um papel em branco? Talvez seja isso; surge sempre quem escreva no papel o que é a Liberdade. Acabou o texto e pensou que desta vez tinha escrito algo menos melancólico que o habitual, mesmo assim algo que de algum modo entretinha os eventuais leitores, tal como as histórias que contava constantemente.

Carlos Mota